

APRESENTAÇÃO

*Maria Ribeiro do VALLE**

A ruína dos regimes socialistas coincidiu com a expansão das práticas batizadas como ‘neoliberais’, varrendo o mundo e desabando sobre a América Latina. Diante disso, a *intelligentsia* parece adormecida, embaraçada para a crítica do mundo capitalista em suas determinações básicas. (Maria Sylvia Carvalho Franco)

No Brasil, a atual ofensiva de uma direita ideológica não é um fenômeno isolado, pois, apesar de suas especificidades, uma leitura mais atenta revela que ela está imbricada com a história da América Latina e também com a história mundial. Aqui enfatizo apenas em um passado mais recente, a queda do Muro de Berlim que, em nenhum momento, deixou de ter conexões com os movimentos reacionários anteriores. O proclamado final da Guerra Fria, supostamente, inauguraria um ciclo de paz social e prosperidade econômica. A hegemonia estadunidense apregoava que doravante a política seria, no mundo globalizado, pautada pelo binômio economia de mercado e democracia. Sob essa batuta, nas ditaduras dos países da América Latina, guardadas as suas peculiaridades, teve início a reconstrução da democracia representativa erguida sobre a defesa dos direitos humanos, ainda que apenas no discurso, pois ela passava à ordem do dia e, portanto, precisava ser incorporada tanto pelos representantes civis quanto militares. Merece destaque também, a mudança de tom da mídia que, enquanto instrumento de formação de opinião pública, precisou rearticular seu posicionamento político frente à ditadura militar uma vez que dela tinha sido seu fiel escudeiro.

* UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de Ciências e Letras, Campus Araraquara. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 - maria.ribeiro.valle@uol.com.br.

A meu ver, o chamado período de transição democrática brasileiro é bastante caro para que se entenda a volta à tona da (Nova) Direita no Brasil, uma vez que ele traz como faces da mesma moeda o **autoritarismo socialmente implantado** – independente dos períodos de exceção – que é característico da cultura brasileira desde sempre e, ao mesmo tempo e em contrapartida, a necessidade de responder aos anseios da população por participação democrática e social. A abertura lenta, gradual e irrestrita do regime militar no Brasil explicita essa composição demasiado canhestra de nossa redemocratização. Tanto assim que, a Lei da Anistia de 1979, serviu a **gregos e troianos**.

Não resta dúvida de que a ideologia (neo)conservadora no Brasil sempre esteve a postos para se apropriar de aspectos do pensamento e da ação das forças progressistas, através de seu viés altamente reacionário. Tanto assim que, passados apenas 50 anos do Golpe Militar de 1964, a direita, diante da vitória do Partido dos Trabalhadores (PT) que o levaria ao quarto mandato presidencial, deflagrou uma ofensiva no parlamento, na mídia, nas igrejas e, mais recentemente, nas ruas, em defesa de posições conservadoras, altamente retrógradas e moralistas.

As faces da (Nova) Direita no Brasil voltam a mostrar seu **sinistro esplendor** através do credo neoliberal travestido e acentuado pelo (neo)conservadorismo, fundamentalismo religioso, pela homofobia, xenofobia, escalada contra a corrupção e, como sempre, pelo anticomunismo, dentre outros. Dessa forma, a(s) nova(s) direitas no Brasil volta(m) a defender o credo liberal, abrindo seu flanco de batalha nas campanhas pela privatização das atividades sociais, da educação, da saúde e da previdência, que muito recentemente tinham sido timidamente incorporadas pelas políticas públicas. Ou seja, o lastro ouro dos Direitos Humanos, em um curto espaço de tempo, deixou de ser o sustentáculo da Democracia que tinha apenas ensaiado os passos iniciais para que fosse representativa.

Como já dissemos, o (neo) conservadorismo trata-se de fenômeno, não apenas nacional mas, de toda a América Latina, dos Estados Unidos e Europa e, através de novas roupagens, é adequado aos tempos atuais. Se por um lado, notamos semelhanças explícitas no reacionarismo desses países, dentre as quais salientamos o desmonte das conquistas sociais que ocorreram em momentos anteriores, por outro notamos que, no Brasil, além das instituições políticas terem sido transformadas em **frangalhos** pela própria direita, esta passou a buscar o poder a qualquer custo, ou melhor, pelo leilão dos princípios do Estado de direito e da democracia que dizia defender.

E nessa nova empreitada, ao contrário do que ocorreu durante a ditadura militar que teve início com o golpe de 1964, quando pediu a retaguarda das forças armadas frente ao perigo do comunismo associado às conquistas populares, a direita no Brasil, em pleno século XXI, derruba a presidente eleita sem respaldo de provas

concretas, desferindo um golpe orquestrado pelos meios de comunicação que contam com a conivência dos três poderes que se unem, fraturando a normalidade democrática e ameaçando de morte os direitos sociais até então alcançados.

Os artigos que compõem o Dossiê intitulado *Faces da Nova Direita no Brasil* visaram explorar alguns matizes do campo da direita no Brasil, tal como ele se mostra na atualidade, sem que sejam desconsideradas as suas raízes, quando é o caso. Embora o revigoramento da (Nova) Direita no Brasil seja uma constante, o seu estudo parece ser ainda bastante incipiente. Sendo, assim, nosso intuito é contribuir, ainda que em pequena escala, para a sua complexa compreensão. Acreditamos que a volta da questão social à ordem do dia só será possível se trouxermos à baila, na teoria e na prática, uma reflexão sobre a arquitetura da direita que não encontrou ainda lugar de destaque no meio acadêmico. Para avançarmos diante do alarmante retrocesso dos direitos sociais, políticos e econômicos que acontece numa velocidade alucinante, será preciso enfrentar, se possível **em tempo real**, o inimigo maior, a direita, que com suas táticas eficazes apoiadas irrestritamente pela grande mídia, reemerge com novas carcaças.

Os artigos que o(a) leitor(a) tem em mãos, procuram abarcar importantes e diferentes matizes da direita no Brasil que têm se mostrado cada vez mais eficazes. Iniciando por uma discussão a respeito dos movimentos monarquistas no Brasil atual, Marcos Paulo Reis Quadros recupera a sua origem datada no final do século XIX para lançar luz aos seus objetivos atuais calcados na instrumentalização da crise política no início do século XXI, através da união com os demais movimentos conservadores que defendem a valorização dos princípios cristãos como antídoto aos avanços da esquerda.

O segundo artigo investiga o grupo conservador “Ordem Dourada do Brasil” também tendo como propósito o cotejamento do pensamento cristão conservador intervencionista da nova direita brasileira, com as raízes de seu tradicionalismo anticomunista católico que culmina, muitas vezes, em “expressões anacrônicas e contraditórias” como concluem os autores Fábio Lanza e José Wilson Assis Neves Júnior.

E, por fim, apontando para a importância de que esse dossiê seja um ensejo a novas pesquisas que desvelem a direita no Brasil e suas faces camaleônicas que a tornam um movimento tão reacionário e **antigo**, mas que teima em se perpetuar, perpetuando também a difícil construção do avanço de direitos que possam garantir o *status* de humanidade a todos os homens e mulheres está a pesquisa de Graziela Ferreira Quintão. Ela aborda uma temática atual sobre como os alargamentos dos Direitos LGBT caminham lado a lado com as reações adversas e conservadoras das vertentes diferentes da fé cristã, particularmente a dos evangélicos pentecostais que compõem a Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional.

Embora não tenha sido intencional, podemos perceber que os três artigos gravitaram em torno do conservadorismo religioso e sua infiltração nos interstícios das questões sociais e políticas. Sendo assim, o nosso cotidiano vem sendo marcado pelo revés de conquistas que também remontam ao século XVIII quando a laicidade era uma das principais bandeiras hasteadas pelo iluminismo e pelas revoluções modernas. Quando olhando em perspectiva histórica parece estarmos muito aquém desses tempos idos. Quantos séculos precisaremos percorrer novamente para revigorar as conquistas que por um tempo consideramos consagradas pelo advento da universalidade da razão? O retrocesso vivenciado pelo Brasil, particularmente nos últimos anos, parece nos aproximar da época do obscurantismo e da barbárie. Acreditamos, contudo, que ao decifrar uma das importantes vertentes da nova direita brasileira, qual seja, o conservadorismo religioso, começamos a ter ideia do seu estatuto e de suas diversas ramificações que se desdobram em novas faces. Só nos resta encará-las de frente se tivermos o propósito de contribuir, insisto, na teoria e na prática, para uma sociedade em que todos os homens e mulheres sejam, efetivamente, portadores do atributo de humanidade. Uma sociedade em que homens e mulheres possam fruir sua humanidade.